



## **A agroecologia tem cor** *Agroecology has color*

SANTOS, Carine, ROZENDO, Cimone

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, cariny.santos@gmail.com, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, cimone.rozendo@gmail.com

### **Eixo temático: Mulheres, Feminismos e Agroecologia**

**Resumo:** Neste trabalho pretendemos discutir a participação das mulheres negras na agroecologia, observando suas contribuições e invisibilidades. Dedicamos uma seção para anunciar a nossa escolha teórica metodológica, dialogando diretamente com os estudos descolônias e pós coloniais, de valorização dos diversos saberes e cosmovisões e realizamos uma breve revisão sobre o conceito de agroecologia, relacionando gênero e raça, em linhas gerais.

**Palavras-chaves:** Agroecologia, colonialidade, raça

**Keywords:** Agroecology, coloniality, breed

### **Introdução**

Recuperando o que Kimberle Crenshaw (2002), nos disse em seu texto, A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero, à discriminação racial e de gênero, operam juntas, o tempo todo, na vida das mulheres negras, e como não olhar pra essa situação como uma problemática central para superação da colonialidade tão atual, mesmo dentro dos movimentos sociais, que tínhamos a impressão de que estávamos construindo uma outra perspectiva de relações de um mundo pluriversal, considerando todas as diversidades? Ela ainda acrescenta que a partir de uma experiência por ela vivenciada, concluiu que para ser aceito como negro, só seriam aceitos os homens e as mulheres, só as brancas. Esta é uma das problematizações principais deste texto.

Em um primeiro momento de investigação sobre o que já foi publicado até agora, sobre a relação das mulheres negras com a agroecologia, apenas encontramos a associação das mesmas a identidade quilombola, focando na questão da identidade e do território, ou inseridas em contextos de comunidades negras rurais, consideradas de forma geral como comunidades tradicionais, entretanto não encontramos subsídios sobre a interlocução direta dessas mulheres no universo das experiências agroecológicas, visibilizando a raça como chave central do seu apagamento e silenciamento e conseqüentemente das discriminações enfrentadas.

Identificamos diversos estudos que corroboram para o debate sobre o lugar da mulher na sociedade, sobretudo apontando as contradições existentes na esfera do trabalho, tanto no meio urbano quanto no meio rural, considerando suas especificidades e condições materiais de vida. A grande maioria dessas pesquisas abordam a invisibilidade feminina e seu apagamento em relação ao gênero oposto, bem como as



violências por elas enfrentadas, principalmente no contexto familiar. Percebemos que boa parte destas publicações têm em comum, o retrato analítico e descritivo de uma mulher que representa um imaginário ocidental universal, o que nos levar a pressupor que todas sofrem dos mesmos males, opressões e desigualdades, e que visualizam os mesmos horizontes.

Essa constatação nos impulsionou a olhar para realidade que as mulheres negras transportam, desde as que atravessaram o oceano atlântico e contribuíram fundamentalmente, com seus saberes e formas de vidas ancestrais, para conformação do universo rural brasileiro. Dessa forma, nesta proposta, apresentamos apontamentos acerca da pesquisa doutoral que estamos desenvolvendo nas ciências sociais e se insere no horizonte dos estudos decoloniais. Pretendemos pesquisar como se dá a participação das mulheres negras no sistema de produção agroecológico, desde uma perspectiva descolonial e interseccional, observando os tipos de saberes praticados e as epistemologias que estão em curso.

## **Metodologia**

Nesse percurso pretendemos trabalhar com os conceitos de modernidade, colonialidade, decolonialidade, transmodernidade e pluriversalidade a partir de Aníbal Quijano (1992a, 1992b, 2005), Walter Dignolo (2017), Enrique Dussel (2016), e Maria Lugones (2008, 2014) para tentar compreender as influências e os impactos das marcas impregnadas da colonização, revestida de colonialidade, impostas às mulheres retintas do Sul, em um ilusório projeto de modernidade, que segue separando e inferiorizando a sociedade a partir da raça. Como expressa Quijano (2005), ao cunhar a categoria colonialidade:

A idéia de raça, em seu sentido moderno, não tem história conhecida antes da América. Talvez se tenha originado como referência às diferenças fenotípicas entre conquistadores e conquistados, mas o que importa é que desde muito cedo foi construída como referência a supostas estruturas biológicas diferenciais entre esses grupos. A formação de relações sociais fundadas nessa idéia, produziu na América identidades sociais historicamente novas: índios, negros e mestiços, e redefiniu outras. Assim, termos com espanhol e português, e mais tarde europeu, que até então indicavam apenas procedência geográfica ou país de origem, desde então adquiriram também, em relação às novas identidades, uma conotação racial. E na medida em que as relações sociais que se estavam configurando eram relações de dominação, tais identidades foram associadas às hierarquias, lugares e papéis sociais correspondentes, com constitutivas delas, e, conseqüentemente, ao padrão de dominação que se impunha. Em outras palavras, raça raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população. Com o tempo, os colonizadores codificaram como cor os traços fenotípicos dos colonizados e a assumiram como a característica emblemática da categoria racial (QUIJANO, 2005, p. 117).



Os estudos descoloniais e pós coloniais buscam evidenciar narrativas, que não são valorizadas na perspectiva eurocêntrica, através da visibilização dos(as) sujeitos(as) plurais. Assim, o propósito básico da descolonialidade é combater todos os tipos de dominação, reorientando formas de poder, saber e ser, a partir da construção de lógicas diferentes, do ocidente (QUIJANO, 2017).

Em relação a fundamentação metodológica escolhemos dialogar diretamente com nossos referenciais teóricos, pois entendemos que existe uma incompatibilidade em utilizar abordagens metodológicas historicamente ocidentais para, tratar de um horizonte de pesquisa que se propõe, sem sombra de dúvidas, causar fissuras no atual modelo de pesquisa com bases eurocêntricas.

Neste sentido, optamos por uma proposta metodológica de maior proximidade junto ao objeto de pesquisa na perspectiva que a estudiosa colombiana Julia Suárez-Krabbe (2011) elabora, “mi interés está en aportar a la descolonización del conocimiento a través de esta discusión de las metodologías – una descolonización que entre muchas otras requiere también del abandono de la decadencia disciplinaria”. Nossa opção, perpassa pela compreensão de que a separação de saberes - campo e teoria, de acordo com que é ditado pelos padrões objetivos de análise atuais, de neutralidade e distanciamento do objeto, acaba por anular aspectos, das realidades subjetivas dos(as) envolvidos(as) nos estudos, que estão diretamente ligados(as) à construção de outros saberes, que a academia classifica como não-científicos, marginalizando esses conhecimentos vistos como periféricos em detrimento das teorias das elites acadêmicas (SUÁREZ-KRABBE, 2011). É necessário que os(as) sujeitos(as) se posicionem, narrem suas histórias, suas lutas, suas dores, memórias e saberes diversos, do seu lugar de enunciação, como aborda Mignolo (2017). Refutar o saber eurocêntrico sobre o seu caráter neutro e de única verdade e valorizar os saberes expressos nos contextos de vida locais/globais pode se caracterizar como formas descoloniais do saber.

### **Agroecologia e as dimensões de gênero e raça**

O modelo de agricultura provocado pela Revolução Verde, deixou marcas profundas na forma de fazer agricultura, no Brasil. A necessidade produtiva de atender uma demanda intensa dos mercados internacionais, favorecido por subsídios financeiros governamentais, através dos créditos rurais, culminou no uso desenfreado de agrotóxicos e insumos químicos na produção de monoculturas e também no abandono e descaso com os agricultores familiares e trabalhadores rurais, favorecendo essencialmente uma parcela da população, os latifundiários e a elite industrial. Tudo isso em detrimento das formas locais e diferenciações geográficas e culturais de produção da agricultura. (DORNELAS, 2016).

Esse contexto promoveu uma série de problemas de ordem ambiental, social e política, gerando graves problemas que estão presentes até hoje em nossa sociedade,



como a miséria, a escassez de alimentos, a desnutrição, o declínio nas condições de saúde e a degradação ambiental. Tendo em vista este contexto, Altieri (2004, p.19) afirma que “as estratégias de desenvolvimento convencionais revelaram-se fundamentalmente limitadas em sua capacidade de promover um desenvolvimento equânime e sustentável” e nesse sentido a agroecologia se apresenta como uma possibilidade de construir uma forma sustentável de produzir a vida.

Diante dessa constatação, temos percebido que diversas ONGs e movimentos ligados a terra e ao contexto rural tem se dedicado a fomentar o protagonismo dos agricultores e agricultoras, buscando valorizar suas necessidades, potencialidades e seu conhecimento agrícola e tradicional. Compreendendo, dessa forma, que as estratégias baseadas na participação, capacidades e recursos locais podem contribuir para aumentar a produtividade conservando simultaneamente a fonte dos recursos (ALTIERI, 2004).

Apesar da agroecologia se propor a ser uma alternativa real ao modelo hegemônico de agricultura, alicerçado na conexão dos sujeitos com a natureza, na igualdade entre os gêneros, na distribuição de oportunidades, na emancipação de homens e mulheres, na superação das desigualdades sociais e de inclusão de todos e todas na sua construção, as mulheres ainda assumem um lugar de pano de fundo neste contexto.

Entendemos que não basta introduzir a questão de gênero como forma de incluir as mulheres, sem pensar um processo mais profundo e visceral que possa identificar como se organizam as relações de poder estabelecida entre homens e mulheres e no interior das famílias, com vistas a provocar uma transformação social real e consciente, incorporando outros valores e práticas, “praticáveis”, para superar os tipos de relação de hierarquização e dominação que estão arraigados. A inserção do feminismo no debate se constitui como estratégia para apontar a existência da desigualdade de gênero no universo agroecológico.

## **Conclusões**

Precisamos reconhecer que as experiências das mulheres são diferentes e que as experiências das mulheres negras não são nem consideradas, por isso é preciso ampliar a visão sobre como as categorias de raça e gênero operam juntas que se ligam e se conectam de forma integral para inferiorizar, oprimir e excluir, as mulheres de cor. Esta é uma questão que colocamos para a agroecologia enquanto prática, ciência e movimento: Em que lugares estão as mulheres negras nesta construção?

## **Referências bibliográficas**

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia**: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável / Miguel Altieri. – 4.ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.





LUGONES, Maria. Colonialidad y Género. **Tabula Rasa**. Bogotá - Colombia, No.9: 73-101, julio-diciembre 2008

MARTINS, Paulo Henrique, BENZAQUEN Júlia Figueredo Benzaquen. UMA PROPOSTA DE MATRIZ METODOLÓGICA PARA OS ESTUDOS DESCOLONIAIS. **Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE**, Recife, Vol. II, N. 11, Ago/Dez, 2017.

MIGNOLO, Walter. **Colonialidade**. O lado mais Escuro da Modernidade. RBCS Vol. 32 nº 94 junho/2017.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. 2005. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales.

RAFAELA, Rafaela Silva, **Movimento Agroecológico no Brasil**. Considerações sobre a Dimensão Política e os saberes na Agroecologia. 2016. Dissertação de Mestrado. UFES.

RAMOS, Flavia Soares. **DO CAMPO À ACADEMIA, DA ACADEMIA AO CAMPO: AS MULHERES NA AGROECOLOGIA**.

SUÁREZ-KRABBE, Julia, **En la realidad**. Hacia metodologías de investigación descoloniales. Tabula Rasa [en línea] 2011, (Enero-Junio) : [Fecha de consulta: 22 de junio de 2019] Disponible en: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=39622094008>> ISSN 1794-2489.